

## Eterno carnaval

*Por Alessandra A. Testa*

Com o advento da pandemia, acredita-se que o Carnaval seja um feriado perdido. Não poder vestir-se de rei e rainha, colocar máscaras adornadas e coroar-se, ser livre para diferentes formas de amar em um curto espaço de tempo.

Será que não mais se poderá viver a vida em um único instante?

Não mais se poderá viver a vida sonhada nessa dura realidade?

A festa pode não ocorrer todos os dias, mas diariamente, 24 horas por dia, as pessoas se fantasiam. Criam vidas perfeitas, vivem suas ilusões, mascaram seus defeitos e tristezas, tornam-se quem querem ser. Até mesmo atribuem a si mesmas títulos de nobreza. São príncipes e princesas do continente africano que nos escolhem em suas tarefas reais. As pessoas se fantasiam e vivem essa fantasia ao criarem perfis nas redes sociais.

Vivem o Carnaval de forma constante e incansável. Usam, inclusive, mais de uma fantasia ao mesmo tempo e vivem várias realidades. Fernando Pessoa certamente invejaria a quantidade de heterônimos que homens e mulheres que não pertencem ao mundo mágico das Letras conseguem criar. Dão vidas a esses novos “Egos”, não apenas pelo correr da tinta da caneta ou do grafite do lápis em uma folha de papel em branco.

O realismo dessas obras verbais e visuais supera a expectativa de muitos artistas que buscam ser perfeccionistas e realistas em suas criações. A finalidade delas é enganar o olhar do observador mais atento. E, nesse Carnaval, somos todos atores e público.

Não mais existem barreiras que separem o que ficção do que é realidade. Todos acabam envolvidos, de uma forma ou outra, nas fantasias criadas por ébrios descontrolados, possuídos de um espírito que tornaria Momo apenas um aspirante a fazer parte de seu próprio reino.

A luxúria não se contém, a vaidade não encontra limites.



A ambição é a moeda corrente desses foliões em constante ação.

O condenável é ser verdadeiro.

Ousar se apaixonar por uma dessas fantasias realistas pode ser a sentença da própria morte.

Tudo é uma brincadeira. Mas não mais uma brincadeira de criança, inocente. É o jogo do Mal, um xadrez em que pessoas são manipuladas, levadas a acreditar e a abraçar os frutos de uma insanidade mental ou de uma alma atormentada e possuída por crueldade.

Crueldade que uma quarta-feira de cinzas não poderá expiar.

O Carnaval tem suas versões.

Essa é a pior delas.

